



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CONTO “O CASO DA VARA”, DE
MACHADO DE ASSIS**

RITA DE SOUSA LIMA

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2016**

RITA DE SOUSA LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CONTO “O CASO DA VARA”, DE
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732r Lima, Rita de Sousa.

A representação do negro no conto "O caso da vara" de Machado de Assis [manuscrito] / Rita de Sousa Lima. - 2016. 25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras".

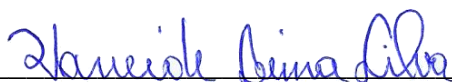
1. Literatura Brasileira. 2. Negro. 3. Conto. I. Título.

21. ed. CDD 326

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CONTO “O CASO DA VARA”, DE
MACHADO DE ASSIS**

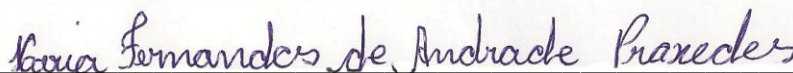
RITA DE SOUSA LIMA

APROVADO EM: 21 de outubro de 2016.



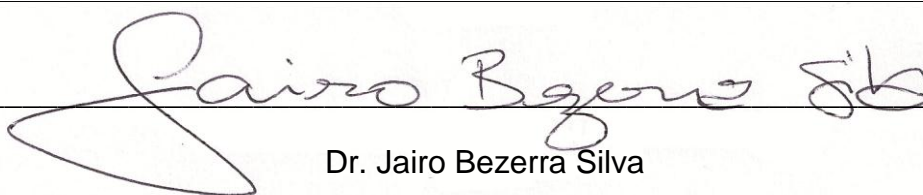
Dr^a. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Dr. Jairo Bezerra Silva

Examinador – UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2016

Dedico este trabalho aos meus pais Raimundo João e Francisca Maria, por estarem sempre presentes em minha vida. Muito obrigada pelo carinho e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho, pelo dom da minha vida e por iluminar a minha caminhada.

Aos meus pais Raimundo João e Francisca Maria, mestres da minha vida. Muito obrigada pelo amor e apoio incondicional, pelo carinho e dedicação.

Agradeço também aos meus irmãos Daniele e Daniel, sempre presentes na minha vida: tenho certeza que se alegram com as minhas conquistas; enfim, a minha família, que de forma direta ou indireta me apoiou nessa caminhada em busca do meu sonho.

Agradeço a todos os docentes que tive o prazer de conhecer durante toda a minha vida de estudante, principalmente aos que fazem parte do curso de Letras: vocês foram fundamentais para minha vida acadêmica, em especial a minha orientadora Vaneide Lima Silva, amante da literatura e responsável por transmitir esse amor para seus alunos, obrigada pela dedicação, disponibilidade, atenção, paciência, ensinamentos e incentivos.

Obrigada a todos os colegas de sala, em especial, Andréia Almeida, Amanda Pereira, Carliene Gomes, Gessimara Carneiro e Francimar Ferreira, amigos que a graduação me deu e levo para resto de minha vida, sem vocês o curso de Letras não teria o mesmo encanto, muito obrigada por ter me proporcionado tardes maravilhosas.

Também não poderia deixar de agradecer as minhas amigas que sempre me apoiaram e compreenderam: não tenho nem palavras para dizer o quanto são especiais e importantes Vanuzia Araújo, Kayonara Merelly, Sueney Mesquita e kely Mabel.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram para a realização desse trabalho, que estiveram presentes na minha vida, colaborando para a realização desse sonho.

“Parte significativa do que é hoje a cultura brasileira, melhor, o Brasil, foi construída por negros e mestiços. É redutor pensarmos a nossa história e o nosso futuro sem uma reflexão sobre o significado dessa contribuição”.
(FRANÇA, 1998)

RESUMO

No âmbito da literatura brasileira, muitas vezes, as realidades sociais são abordadas como elementos temáticos na construção dos textos. Levando em consideração o contexto histórico em que o Brasil se encontrava na segunda metade do século XIX, após a abolição da escravidão, alguns escritores voltam seus olhares para a condição em que o negro vive na sociedade daquela época. Entre eles, destacamos a figura de Machado de Assis, escritor realista que tematizou o negro em algumas de suas obras. Dentro desta perspectiva, este trabalho tenciona mostrar o tratamento dado ao negro no conto “O caso da vara”, de Machado de Assis, seguido de um levantamento de informações sobre a temática abordada, resultando assim, em uma pesquisa de base bibliográfica. Ao longo deste trabalho traremos algumas contribuições dos seguintes teóricos: Proença Filho (2004), Brayner (1981), Salvatore D'onofrio (1995), França (1998), Candido (1976), Brait (2006), entre outros. Desta forma, esperamos que esta pesquisa desperte em seus leitores a sensibilidade e um posicionamento crítico no que se refere à condição do negro em nossa sociedade.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Negro. Conto.

INTRODUÇÃO

É perceptível a presença do negro na literatura brasileira. Segundo Proença Filho (2004), desde o século XVII o negro surge na literatura brasileira, embora, ele só apresente maior expressão nas obras produzidas a partir do século XIX. Desse período, registra-se de forma bastante expressiva a obra de Machado de Assis, notadamente no que se refere a sua produção de contos. É o caso, por exemplo, de “O Caso da Vara”, publicado pela primeira vez em fevereiro de 1891, na Gazeta de Notícias, e mais tarde na coletânea *Páginas Recolhidas*, em 1899.

Realizada a leitura desse conto, despertou-nos o interesse em analisá-lo, depois de constatar que o negro comparece nessa narrativa como protagonista de uma denúncia social, evidenciando a realidade da sociedade de sua época. No conto em questão, verificamos que a personagem negra é vítima de abuso e violência cometida por sua senhora. Sendo assim, a personagem acaba representando não apenas o seu próprio sofrimento e maus tratos, mas o sofrimento de toda uma raça, figurando, portanto, como símbolo dessa minoria, que ainda no século atual enfrenta o preconceito de cor.

A sensibilidade despertada pela condição de fragilidade vivenciada pela personagem negra nesse conto confirma o pensamento de Candido (1995) quando declara que a literatura desenvolve em nós a sensibilidade, tornando-nos mais compreensivos, reflexivos, críticos, abertos para novos olhares e possibilidades diante da condição humana.

Inicialmente o interesse em estudar o conto “O Caso da Vara”, de Machado de Assis, partiu de uma leitura e discussão em sala de aula sobre essa narrativa. A condição de injustiça e violência com que é tratada a menina envolvida no enredo despertou o interesse, motivando o desenvolvimento de um estudo que se debruçasse mais detidamente sobre o conto, centrando-se, assim, mais especificamente na análise dos personagens e destacando a condição do negro no conto.

Desta forma, essa pesquisa pretende mostrar qual o tratamento dado ao negro nessa narrativa, como também acreditamos que o estudo contribua para a formação humana de seus leitores, tornando-os capazes de opinar, refletir e posicionar-se em relação a questões como a discriminação racial, tão presente em nossa sociedade atual.

Trata-se, portanto, de um estudo de crítica literária, cujo *corpus* analítico é constituído por um dos vários contos que compõe a produção contista de Machado de Assis, desse modo, acreditamos que a pesquisa assume o caráter de bibliográfica, que consiste em um levantamento de informações sobre a temática estudada que irão auxiliar no embasamento teórico da pesquisa.

Além disso, acreditamos que a leitura do conto propõe uma reflexão sobre a realidade social da época, ficando evidente, assim, que o texto literário, além de encantar seus leitores por sua beleza e estética, também possibilita o desenvolvimento ou o despertar de um posicionamento crítico frente ao mundo que a narrativa revela, dando ao leitor a oportunidade de ampliar sua experiência de vida.

Este trabalho encontra-se estruturado em três tópicos. No primeiro tópico, intitulado “Breve Apresentação de Machado de Assis”, iremos falar um pouco sobre a vida e obra deste escritor, detendo-nos na sua produção de contos. No segundo tópico, “A Presença do Negro na Literatura Brasileira”, traçaremos um breve percurso de como o negro surge na literatura brasileira, desde o período colonial até os nossos dias, centrando nossa discussão no estudo de França (1998); o terceiro tópico contempla a análise do conto e se intitula “O Negro na Literatura: Leitura de “O caso da Vara”, onde procuramos mostrar como o negro é tratado dentro da narrativa, através de um estudo dos seus personagens principais.

1 BREVE APRESENTAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

1.1 Machado de Assis e sua produção de contos

Principal escritor realista e primeiro presidente da Academia Brasileira Letras, Joaquim Maria de Assis nasceu no Rio de Janeiro, dia 21 de junho de 1839. De origem humilde, viveu boa parte de sua infância na chácara de sua madrinha, Maria José de Mendonça Barroso, no morro do Livramento, ao lado de seus pais Francisco de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis. Sua mãe morreu muito cedo e seu pai casa-se com Maria Inês, que será responsável pela educação do enteado.

Após a morte de seu pai em 1851, sua madrastra Maria Inês arruma emprego de doceira em um colégio de São Cristóvão, bairro que agora residiam. A partir de então, Machado de Assis teve que dividir seu tempo entre os estudos e ajudar sua madrastra na venda de doces. O contato com os professores e alunos do colégio fez com que o escritor ampliasse os conhecimentos adquiridos na escola pública, pois, apesar das dificuldades financeiras Machado de Assis sempre demonstrou grande facilidade de aprendizado e muita habilidade na escrita.

Na apresentação da Obra Completa de Machado de Assis, publicada pela Editora Nova Aguilar em 1986, mais especificamente na apresentação do autor, temos o relato de que dos muitos passeios que dava pelo bairro de São Cristóvão, Machado de Assis conhece madame Gollot, proprietária de uma padaria que lhe dará aula de francês. Aos dezesseis anos publica seu primeiro trabalho na revista *Marmota Fluminense*, o poema *Ela* e no ano seguinte, em 1856, consegue emprego de tipógrafo na Imprensa Nacional, emprego esse que lhe deu oportunidade de conhecer várias pessoas que influenciaram suas produções, pois, Machado de Assis dividia seu tempo entre o trabalho na imprensa e a produção de novos textos.

Ainda segundo a apresentação da Obra do autor, lançada pela Nova Aguilar e mencionada acima, em 1869, Machado de Assis casa-se com Carolina Novais. Não tiveram filhos, porém, tiveram uma união estável e feliz. Sua esposa era portuguesa, de família culta e gosto refinado, Carolina teve papel importante na carreira literária do escritor, apresentando-lhe grandes clássicos portugueses e ingleses, que influenciaram boa parte de sua obra.

Durante muito tempo Machado de Assis dividiu sua vida entre a literatura e o emprego de funcionário público chegando a ocupar diversos cargos, entre eles: o cargo de oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Rio de Janeiro e diretor geral do Ministério da Aviação.

Em 1871 publica seu primeiro romance, *Ressurreição*. A crítica em geral costuma dividir sua obra em duas fases: a primeira estaria a serviço de uma literatura mais romântica; nessa fase, além de *Ressurreição*, podemos destacar ainda dois outros romances: *A Mão e a Luva* (1874) e *Helena* (1876). Já a segunda fase de sua obra estaria ligada ao realismo, movimento literário voltado a denunciar a realidade social de sua época. Dessa fase realista se destacam os romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), romance que marca o início do realismo no Brasil, *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899).

Sobre a produção realista de Machado de Assis, verificamos, também de acordo com a apresentação de sua obra feita pela Nova Aguilar, que a obra do escritor é, a partir da publicação desses romances, feita através de um “delicioso humorismo”, cheia da alma de seus personagens. Ao apresentar a visão de seu mundo, tudo se faz pretexto para ironias e sutilezas, aspectos nos quais Machado se torna um mestre, que se faz notório ainda pela elegância e simplicidade de seu estilo.

Sua obra abrange praticamente todos os gêneros literários, desde o romance, crônicas, poemas e contos. No que se refere à produção de contos, Machado de Assis escreveu mais de duzentos contos das mais diversas temáticas nos quais revela uma preocupação em analisar o verdadeiro comportamento do ser humano, seus defeitos e qualidades. Segundo Nádia Gotlib (1985, p.77):

[...] os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido... Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções...

Brayner (1981) afirma que Machado de Assis é a figura mais representativa deste gênero no século XIX. Suas narrativas todas ambientadas no Rio de Janeiro retratam a sociedade carioca da segunda metade do século, seus costumes e comportamentos burgueses carregados de ironia e humor. Em relação à ironia na obra

Machadiana Salvatore D'Onofrio (1995, p.14), define como uma “disposição de espírito provocada pela reflexão sobre as contradições da alma humana e do convívio social”, tudo isso, constituído por uma cadeia de ações lógicas, com tramas amplas, com início, meio e fim, através de um narrador que volta toda atenção para o leitor.

A crítica durante muito tempo condenou Machado, acusando-o de não se preocupar com os problemas sociais que o Brasil enfrentava na sua época, mais especificamente com os problemas abolicionistas, mas não é verdade, como nada em Machado é idealizado ele apresenta o negro na sua condição de oprimido, podemos perceber isso em alguns contos, como é o caso de “Pai e mãe”, “O caso da vara” e tantos outros contos machadianos.

Machado de Assis reuniu em vida os seus melhores contos e a partir de 1882 publicou nas seguintes coletâneas: *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1897), *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias da casa velha* (1906). No que se refere à coletânea *Páginas Recolhidas*, na apresentação da Obra Completa de Machado de Assis, publicada pela Editora Nova Aguilar, em 1986, afirma que a mesma é uma das melhores coletâneas de contos publicadas pelo escritor, composta por dezessete contos das mais diversas temáticas, entre os contos publicados nesta coletânea destacamos o “O caso da vara”, narrativa que constitui o *corpus* desta pesquisa.

Desta forma, Proença Filho (2004) nos fala que a obra Machadiana apresenta textos cheios de significados que retratam a realidade social do homem de sua época, relacionando com o homem de todos os tempos, a partir, de temáticas consideradas universais como é caso do amor, ciúmes, inveja, mentira, traição, morte e entres outras, elementos esses que vem garantindo permanência e atualidade à sua obra.

2 A PRESENÇA DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Pensar a história do Brasil, seja enquanto Colônia ou República, remete necessariamente a considerar a influência e contribuição dos negros neste contexto. Não é possível reconstituir ou recontar tal história sem considerar sua contribuição. No entanto, a raça negra tem enfrentado muitas dificuldades e a maior delas ao longo dos anos têm sido a busca pelo reconhecimento e valorização dos mesmos que lhes foi usurpado no decorrer de toda história estendendo-se até hoje.

Dentro desse contexto de desvalorização, a omissão da contribuição do negro dentro da história observada na literatura brasileira e por sua insignificância, consideramos necessária um breve histórico de relatos sobre a existência dos negros presentes nos escritos dos conhecidos como “homens de letras”, pois se acredita que pela literatura há grande influência da formação da imagem do negro escravo, imagem essa que se instituiu principalmente entre os séculos XVI e XIX, como nos mostra França (1998, p.05).

Não é menos verdade, contudo, que quando buscamos empreender essa reflexão, corremos sempre o risco de contaminá-la com uma série de noções prévias acerca dos indivíduos de raça negra, noções que muito tempo se instalaram na cultura nacional, e que muitas vezes sem nos percebermos, se fazem presentes no seio das nossas elaborações. A mulata faceira, o negro servil, o mulato indolente e outros tantos construtos, quer queiramos quer não, ainda marcam presença no imaginário brasileiro.

Como podemos observar, reforçamos a necessidade de uma desmistificação da imagem do negro, uma vez que na história da literatura brasileira não lhes foi dado devido enfoque, havendo, portanto, uma grande necessidade de quebra de estereótipos pejorativos que denigrem a imagem do negro como raça inferior.

Segundo França (1998) foi em meados século XVI que se passou a observar os primeiros relatos com menção ao negro dentro dos escritos literários. O crítico afirma que José de Anchieta aparece como o primeiro escritor a mencionar os *negros de guiné*, no ano de 1584. Ainda assim limitou-se, como tantos outros, a informações breves e vagas, visto que nessa época, escravizados e hostilizados, não eram considerados mais que mercadoria.

Na visão de França (1998) seus escritos são, na sua maioria, pequenas descrições que se limitam a constatar a existência do elemento negro inserido no vasto grupo dos que deviam ser conquistados e assistidos pelos catequizadores. José Anchieta ainda faz relato sobre alguns problemas causados pela escravidão, a diminuição da população negra escrava e sobre a resistência de alguns negros à subordinação aos seus senhores.

Pouco tempo depois, segue observando França, mais exatamente após três anos, em 1587, Gabriel Soares de Sousa em sua obra intitulada *Tratado descritivo do Brasil*, também cita a existência negra, mas como previsto, quase nada se pode extrair de seu texto em relação ao negro. Outro Padre em cuja obra também foi constatada

certas menções aos negros foi Fernão Cardins, que mais tarde, no ano de 1855, fazia seus relatos ao padre da província. É o que declara França (1998, p. 11).

Assim como Anchieta, dedicou mais atenção aos indígenas e aos portugueses, fêz referências da Companhia; aos negros foram destinados apenas notas esparsas; dados relativos a sua população na cidade da Bahia e em Pernambuco, (4000 e 2000 africanos segundo o padre).

O crítico informa ainda que alguns nomes podem ser citados, a exemplo de uma obra cujo autor é desconhecido: em 1618, representava o maior acervo de informações da raça negra, a obra *Diálogo das grandezas do Brasil por suas drogas e minas*.

Segundo França (1998) a obra citada trazia curiosidades da vida dos negros da capitania de Pernambuco, acerca do seu gosto pelo vinho de cana-de-açúcar, de sua grande capacidade regenerativa e do seu interesse por porções derivadas de raízes e plantas.

Dentre os relatos até aqui citados não se percebia a menor atenção ao negro, nem aos seus costumes e muito menos ao modo de vida escravo em que viviam, desumanamente. Ainda conforme o crítico, apenas por volta dos anos de 1691 se pode observar por meio dos escritos do padre Antônio Vieira atenção para o caráter violento, injusto e degradante da escravidão dos negros.

O estudo de França aponta que na mesma época em que o Padre Antônio Vieira trata da questão do negro na literatura, Gregório de Matos também trazia para seus escritos algumas informações sobre a vida dos negros, embora em sua maioria sejam ressaltados por aspectos negativos, fazendo referências a moleques, a prostitutas negras, a procissões organizadas por africanos, ao tráfico negreiro, ao tratamento dispensado pelos senhores aos seus escravos, a negra feiticeira, a escravas fujonas e, sobretudo, as mulatas.

São citados ainda por França alguns membros da **escola mineira**, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa, que trataram de mencionar o negro nas suas obras, contudo, detendo-se a uma menção quase que acidental. Apenas Alvarenga Peixoto lhe dedica certo espaço, o que ainda assim considerou-se muito pouco, pois quase nada se dava para extrair.

Conforme declara França, no final do século XVIII que o negro irá ganhar maior destaque na literatura brasileira, porém muito superficialmente, ignorando problemas como: a escravidão que lhes era imposta, a contribuição deste para a

sociedade colonial, limitando-se a pouco mais que citar sua existência. Só se pode perceber um olhar mais aguçado aos negros, embora ainda superficial, nos séculos seguintes, quando passa a surgir, assegura o crítico, mais nitidamente a figura do negro na poesia e teatro, ganhando assim, maior destaque na literatura brasileira. Contudo, tal destaque se deu por vir a aflorar no Brasil o sentimento antiescravista, sendo este, abordado por vários escritores, dentre eles, destaca França, Hipólito José da Costa, José Bonifácio e Torres Homem.

Vale ainda ressaltar as palavras de França quando informa que a princípio, a escravidão foi vista como fator que impedia o progresso do Brasil, vindo a prejudicá-lo economicamente. Tendo a poesia este enfoque até as três primeiras décadas do século XIX, estando voltada a partir daí, a abordagem de outra visão do negro, o saudoso e melancólico, os escritores passaram a não mais considerar poética a questão da causa antiescravista.

Por este novo modo de enxergar o negro dentro da literatura, França destaca o escritor D. J. Gonçalves Magalhães em sua obra *Suspiros poéticos e saudades*; Manoel Odorico Mendes em seu poema *Tipo negro* e Gonçalves Dias quando escreveu *A escrava*. Todos eles trataram da temática abordando o negro como indivíduo de sentimentos e regido de grande força e coragem.

De acordo com França, mais tarde, em meado do século XIX, passavam a ser abordadas questões como da resistência negra à escravidão, o que tornava muitos escravos foragidos e a visão de que os negros podiam também ser heróis, o que na década de 60 deste século, houve a consolidação da poesia que abordava o negro como um próprio tema a ser explorado.

A partir daí, muitos foram os enfoques abordados, como a negra mucama, os lenhadores, os cativos, *o banzo*, *a branquidade*, o negro humilhado, a escrava que enlouquecia por tão cruel cativo, a escrava mãe, o filho escravo, a mulata formosa, etc.

Segundo França (1998) surgiram então os poetas negros e mais que isso, o poeta, que fora escravo na sua juventude e conseguiu posteriormente libertar-se, estudar humanidades, fazer-se advogado, exercer o jornalismo e tornar-se um hábil e apaixonado defensor da causa abolicionista. O crítico se refere, por exemplo, a nomes como Luís Gonzaga Pinto da Gama, que foi considerado marco por seus escritos, consagrando o negro como aquele que merece atenção maior.

Conforme relata França, Gama, através de Castro Alves, poeta que irá definitivamente tematizar os negros e mulatos no seio da lírica nacional, pode chegar a anunciar a conquista negra, visto que, de citações alusivas, os negros passaram a protagonizar os poemas nacionais, e não limitando-se a apenas estes à poesia, mas também ao teatro. Observe:

Com Castro Alves, como se vê, negro e mulatos aparecem na poesia nacional não mais como assunto periférico e esporádico, como fruto de uma inspiração passageira que resulta em alguns poucos versos de indignação. Como ele, um lento e progressivo movimento que timidamente se iniciou na década de 30, com Gonçalves Magalhães, e ganhou um forte impulso na década de 50 e o início da década de 60, atinge o seu clímax e anuncia os seus desdobramentos futuros. (FRANÇA, 1998, p 41)

De acordo com palavras desse crítico, o romance *A Moreninha* escrita por Joaquim Manoel de Macedo, em 1844, foi a primeira obra em que o negro passa a figurar, cujo título da obra, foi muito criticada por ser considerada imprópria, pois não contribuía para a educação e moralização do povo, questão considerada crucial na época.

Segundo França (1998, 71), em 1871, se passou a perceber as influências da chamada “nova geração”.

Enormes esperanças eram depositadas nesse gênero literário: a ele caberia, entre outras coisas, colaborar para a edificação de alguns mitos nacionais, divulgar a história e a geografia da pátria, contribuir para a singularização *da língua portuguesa* e, sobretudo, moralizar os leitores.

França observa que a intenção era passar de romancista para realista, assim os romances trariam uma espécie de guia para a população, cuja intenção era colaborar para a “formação da sociedade.” Sociedade essa que necessitava de orientação, de que estes escritos induzissem o leitor a certos comportamentos, para assim manipular facilmente a população.

O papel dos negros nos romances da época se deu a princípio por características atribuídas e defendidas nas páginas de ficção a animalidade e a sensualidade extrema. É o que assegura França (1998, p. 73-74).

[...] Além de predispor-los para os excessos sexuais, tornava-os presas fáceis para uma copiosa série de vícios. Isso não quer dizer [...] que no Rio ficcional todos os negros sejam cruéis, criminosos, libertinos ou outra coisa desse gênero. Ao contrário, nas páginas da ficção, podemos encontrar muitos negros fiéis, ordeiros e de moralidade impecável. [...] Os papéis que

desempenhavam neste espaço eram muitos: mucamas, moleques de recado, agregados de casa, cocheiros, amas-de-leite, damas de companhia, etc.

Ressalte-se que, de acordo com a visão desse crítico, muitos eram as funções dos negros nas páginas ficcionais, contudo, dentro dessas funções houve diversos conflitos também descritos, como por exemplo, os negros que não guardavam os segredos das casas dos senhores, espalhando-os pela vizinhança; as escravas que mantinham casos com seus senhores, o que desassossejava suas esposas; as mucamas pervertidas que corrompiam sua ama a conhecer o sexo antes do tempo devido à época; a influência a credices diversas; etc.

França conclui sua reflexão afirmando que mesmo lhe sendo dados estes enfoques, não se percebia dentro da ficção uma atenção voltada para o negro. Eles participavam apenas como partícipes dos romances, sem protagonizar as cenas, sendo apenas considerados figurantes, integrantes, faziam parte do dia a dia, sendo muito útil aos seus senhores:

Em resumo, nesse guia moral que foi o romance urbano do período, guia no qual heroínas e heróis se confrontavam constantemente com índoles más e viciosas, o negro quase sempre ingressou na fileira do segundo grupo. Ele representou no Rio de Janeiro construído nas páginas de ficção, um toque de barbárie em uma sociedade que se queria ordeira e moralizada, que se queria como se dizia na época, civilizada. (FRANÇA, 1998, 91)

É sabido que não só eram apresentados por estas páginas a imagem de negros que denegriam tal raça, havia muitos homens de bem, honestos, fieis. Contudo, nem a estes foi dado destaque. O que se percebe desde sempre é a hostilidade em que sempre foram tratadas as questões que envolvem o negro dentro da literatura.

Observou-se até então, assegura França, que mesmo no apogeu da literatura neste país a imagem que se tem do negro até hoje, se pôde atribuir, em grande parte, à literatura, pois esta, como já citado, tinha grande influência sobre a população, o que nos obriga a ressaltar a grande marca negativa que se constituiu não só na época, mas até hoje, pois esses “valores” foram sendo perpassados de geração em geração, fazendo do negro, raça discriminada e dolorosamente massacrada pela sociedade rude e preconceituosa que se instalou no Brasil.

Tomamos como *corpus* deste estudo, conforme já afirmamos, a obra de Machado de Assis, mais especificamente sua produção de contos, onde identificamos a presença do negro em vários textos desse gênero.

3 O NEGRO NA LITERATURA: LEITURA DE “O CASO DA VARA”

O crítico Antonio Candido, em estudo sobre a obra de Machado de Assis, descreve algumas maneiras de interpretar a obra machadiana, que se apresenta como uma obra extremamente rica de significado, traço, aliás, que aponta para a grandeza do escritor, cuja obra permitiu que sucessivas gerações de leitores e críticos fossem encontrando nele diferentes níveis. Interessa-nos no estudo de Candido (1977) o comentário que ele faz acerca da técnica utilizada por Machado para escrever suas narrativas. Ele afirma que esta

consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro.

É nisto que se encontra, segundo Candido, o motivo da modernidade de Machado, embora se observe traços arcaizantes na superfície da sua obra. O fato é que lendo alguns contos de Machado de Assis, percebemos que essa técnica caracterizada por Candido encontra-se diluída na linguagem utilizada pelo escritor para produzir os seus contos e também, é claro, seus romances. Vale salientar que a linguagem é um elemento de fundamental importância na interpretação da obra literária, não se devendo excluir evidentemente os outros elementos que estruturam a narrativa.

Na leitura do conto “O caso da vara”, verificamos que a trama envolve todos os elementos do conto estruturais da narrativa, de modo que a ação no conto se concentra em apenas em um destes elementos. A linguagem chama a atenção pela presença de uma figura que aparece como elemento central na caracterização da linguagem utilizada por Machado: a ironia.

Segundo D’Onófrio (1995), Machado faz uso da ironia uma técnica narrativa constante: Sua estrutura fabular preferida apresenta a frustração de uma expectativa, pois os acontecimentos tomam um rumo contrário ao esperado, surpreendendo continuamente as conjeturas do leitor. Na maioria das vezes, a esta forma, a essência do cômico reside no desvio da normalidade.

Para atender ao objetivo proposto neste trabalho, que analisa o conto “O caso da vara”, de Machado de Assis, procurando observar de que modo o negro aparece representado na narrativa, nos deteremos principalmente no estudo dos personagens. Sendo assim, consideramos necessário trazer algumas concepções a cerca deste elemento, que é considerado de fundamental importância para o desenvolvimento de uma narrativa.

Brait (2006, p.37) define personagem como sendo "a representação do universo psicológico do seu criador". Enquanto que Candido (1976) afirma que a obra literária só se realiza em toda a sua plenitude quando procura convencer o leitor, através de suas personagens, de que tudo o que nela está escrito pode ser verdade. Evidencia-se, desse modo, a importância desse elemento na estruturação do enredo da narrativa.

Brait e Candido em seus respectivos estudos procuram categorizar as personagens de uma narrativa da seguinte forma: Candido (1976) as classifica em planas e esféricas. Sendo o primeiro tipo facilmente identificada, ou seja, são aquelas que permanecem inalteradas até o fim; já a segunda, as esféricas, apresentam um caráter surpreendente, podendo mudar a qualquer momento, por isso, são mais complexas.

Brait (2006), por sua vez, classifica as personagens como planas e redondas: a primeira é constituída em torno de uma única ideia ou qualidade, não evoluindo no decorrer da narrativa; já as personagens redondas são definidas pela sua alta complexidade, apresentando muitas qualidades ou tendências, desta forma, surpreendendo sempre o leitor.

O conto “O caso da vara” de Machado de Assis, apresenta os seguintes personagens: Damião, jovem seminarista e sem nenhuma vocação para o sacerdócio; seu pai, que é pouco citado na narrativa; Sinhá Rita, viúva que vive de ensinar bordado a algumas escravas em sua casa; João Carneiro, padrinho de Damião e amigo “íntimo” de Sinhá e Lucrecia, uma das meninas que Sinhá Rita mantém em sua casa ensinando a bordar.

A narrativa conta a história do jovem seminarista Damião, que fugindo do seminário, sem ter para onde ir, resolve pedir ajuda a Sinhá Rita, a qual acolhe em sua casa e decide ajudá-lo. Para que o jovem não volte para o seminário, Sinhá Rita pede ajuda ao Sr. João Carneiro. Estando na casa de Sinhá Rita, Damião sente compaixão de uma das crias desta senhora, a negrinha Lucrecia, de quem decide ser

padrinho, para defendê-la de um possível castigo, caso não cumpra as tarefas que Sinhá Rita a impõe até a noite. No final do conto Damião vê-se em conflito entre defender Lucrécia, a quem tinha prometido proteger ou entregar a vara à Sinhá Rita para castigá-la.

A narrativa tem como espaço a cidade do Rio de Janeiro em pleno século XIX. Apesar do conto ter sido escrito após a abolição da escravidão, ainda era muito comum que algumas senhoras da época mantivessem escravos em suas residências e os tratassem de forma violenta, revelando assim um pensamento preconceituoso e cruel da sociedade daquela época.

Na descrição da personagem feita pelo narrador fica evidente o sofrimento e maus tratos em que viviam os negros nas residências de seus senhores. Sofrimento este visível no corpo da personagem Lucrécia. Como podemos ver neste fragmento do conto: “[...] era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos [...]” (ASSIS, 2004, p. 262)

A personagem carrega no seu corpo as marcas da crueldade com que sua senhora à tratava, uma criança de apenas onze anos, mas, que já carrega no seu corpo as marcas de uma sociedade extremamente desumana e cruel, incapaz de tratar o ser humano com respeito, pelo simples fato da cor de sua pele e posição social serem diferentes da sua.

As marcas expostas pelo corpo da pobre menina Lucrécia revelam que ela sofre castigos perversos, algo muito comum na época, já que muitos senhores de escravos mantinham esses negros em suas fazendas. No caso da narrativa em estudo, percebemos que se tratavam de escravas urbanas, que mesmo após a Lei Áurea, Lei que declara livre todos os escravos a partir de 13 de maio de 1888, estes ainda eram obrigados a trabalhar sem nenhuma remuneração, apenas por casa e comida e ainda eram vítimas de violência. Seus senhores ainda se justificam argumentando que os castigos eram necessários porque eles (os escravos) não faziam o que os senhores queriam ou então quando o trabalho realizado não os agradava.

Em um fragmento do conto em questão, o narrador nos mostra que a personagem Lucrécia sofria diariamente esses castigos. Provavelmente, assim como a personagem, essa era a rotina de muitos negros que eram mantidos como escravo em nosso país. Observemos mais um trecho do conto de Machado:

__ Lucrécia, olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia receberia o castigo de costume. (ASSIS, 2004, p. 262)

Além dos sofrimentos causados pelos castigos físicos, a personagem trazia consigo um sofrimento no íntimo do seu coração: ela era extremante reprimida, sem direito algum de brincar e nem ao mesmo sorrir. Em um dos momentos da narrativa, Lucrécia alegra-se das anedotas contadas pelo jovem Damião e acaba transparecendo um riso meio que disfarçado, como nos mostra este fragmento: [...] “Damião, contente de si, não esqueceu Lucrécia e olhou para ela, a ver se rira também. Viu-a com a cabeça metida na almofada para acabar a tarefa. Não ria: ou teria rido por dentro, como tossia”. (ASSIS, 2004, p. 264)

Percebemos que durante toda a narrativa, o narrador nos aponta indícios de que a personagem Lucrécia irá ser castigada. No entanto, a violência física só acontece no final da narrativa, quando Sinhá Rita recolhe os trabalhos de suas “crias” e verifica que apenas Lucrécia não teria realizado o seu trabalho, pois a menina distraiu-se com as conversas do jovem seminarista. Observe mais este fragmento:

Era hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os; todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrécia estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha. (ASSIS, 2004, p. 265)

A partir deste momento a personagem começa de fato a ser tratada de maneira violenta por sua senhora. Entre as formas de violência que aparecem de modo recorrente na narrativa os puxões de orelhas. A pobre menina, como já foi descrito pelo narrador, anteriormente, era magra e sem forças para se defender, implora a sua senhora que a soltasse e não à castigasse, tentando fugir, mas, sua senhora era irredutível e inflexível. Além de castigá-la fisicamente, ela ainda insultava Lucrécia com palavras de baixo calão, como: “malandra” e “vadia”.

Ao final da narrativa, Sinhá Rita pede ao jovem Damião que entregue a vara para que a mesma pudesse castigar Lucrécia. Damião, por sua vez, mesmo tendo prometido apadrinhar a pobre menina, que teria atrasado os seus trabalhos por sua culpa, covardemente entrega a vara para Sinhá Rita, que castiga a pobre menina inocente. É o que revela o trecho a seguir:

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisa tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita. (ASSIS, 2004, p. 266)

Percebemos que ao dá vida personagem Lucrecia na narrativa, Machado de Assis denuncia através dela, todo o sofrimento vivido pelos negros na sociedade brasileira do final do século XIX, pois a personagem aparece no inicio da narrativa de forma tímida e sendo pouco mencionada, de modo que à primeira vista, todo o enfoque é dado à fuga do seminarista Damião. Porém, com o desenrolar da narrativa, a personagem Lucrecia vai despontando e adquire uma força bastante expressiva no enredo, na medida em que seu sofrimento vai envolvendo ao leitor, ao ponto de nos compungirmos com a situação da personagem. Logo, praticamente invisível no início do conto, a atuação da personagem negra toma corpo e aumenta seu grau de complexidade, ao ponto de podermos classificá-la de acordo com a tipologia de Brait (2006) como sendo uma personagem redonda ou, segundo Candido (1976), em personagem esférica, pois evolui no decorrer da narrativa.

Sendo assim, podemos deduzir que o sofrimento de Lucrecia, sendo comum aos negros daquela época, se estende para toda uma raça e, neste caso, a personagem ascende a condição de símbolo de uma classe: a dos negros maltratados e violentados por uma parcela da sociedade que se arroga ao direito de destratar e desrespeitar sua integridade, usurpando seus direitos e apenas lhes perpetrando deveres.

A indefinição temporal no conto nos remete para um tempo em que era comum se ter escravos em casa e que estes serviam aos interesses dos seus donos, afinal, eles eram comprados como objetos pessoais e seus donos usufruíam deles da maneira que melhor lhes conviesse. Portanto, não importa o ano em que se deu o caso da vara, o que nos interessa é que o fato retratado no conto dirá muito por si só, e, além de apontar para esse momento da nossa história, sugere também a ideia de que não há tempo certo para agirmos de maneira interessada e mesquinha. O homem sempre agiu conforme os seus interesses em todos os tempos. E “O caso da vara” mostra justamente isso: o interesse mesquinho com que o homem transforma o próprio homem em objeto de satisfação pessoal, como agiu Damião. Vale salientar que as atitudes de opressão reveladas por Sinhá Rita e o seminarista se apresentam muito desumanas, mas não esqueçamos que elas eram bastante comuns no período

da escravidão. Ou seja, os atos violentos e cruéis eram encarados como normais, pois se constituíam como o que se esperava dos cidadãos civilizados da época, exercendo os seus domínios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo da retomada do estudo de França (1998) sobre a presença do negro na literatura brasileira, não podemos pensar na história do Brasil, seus costumes e crenças, sem destacar a importância do negro na construção deste país. Com a literatura brasileira também não seria diferente, pois, como mostrou o estudo desse autor, alguns dos “homens das letras” voltaram-se em seus textos para esta temática, embora muitos deles, não tenham dado em seus textos à devida importância as condições de vida que os mesmos viviam.

Conforme afirmamos no início deste trabalho, a leitura do conto “O Caso da vara” realizada em um dos componentes curriculares do Curso motivou a realização desse estudo, pois especificamente essa narrativa nos possibilitou a percepção de que Machado de Assis retrata em seus contos e possivelmente no conjunto de sua obra, a realidade social do século XIX. No caso específico deste conto, vimos que o escritor põe em evidência os maus tratos enfrentados pelos negros que frequentavam as casas de famílias escravocratas dessa época. Ao nosso ver, a personagem Lucrecia se afigura como representante da classe negra cuja liberdade era reprimida. A qualquer sinal de desobediência, a menina apanhava com uma “vara”, tal qual se fazia com a chibata no período em que os negros viviam nas senzalas dos senhores fazendeiros.

A relação de poder e dominação evidenciada no conto analisado se revela ainda na linguagem utilizada por Machado de Assis e principalmente nas atitudes dos personagens, sobretudo nos que mais se destacam, Sinhã Rita e Damião. Percebemos que Machado não se detém em descrições longas e profundas, preferindo mostrar o fato, que diz muito por si próprio, como mostramos, revelando muitas vezes os nossos sentimentos mais íntimos. Percebemos claramente que o autor não gasta muitas páginas para descrever as ações dos personagens, e, sobretudo, mostrar o quanto as atitudes de Damião irão frustrar as expectativas do leitor no final do conto. Elas revelaram o oposto daquilo que se esperava, constituindo, assim, o fator surpresa no conto. É a frustração de expectativa da qual fizemos menção ao citar o estudo de D’Onófrio. Essa quebra de expectativa evidencia ainda a ponta da ironia presente no conto, elemento bastante recorrente na obra machadiana.

Acreditamos que a leitura deste conto se mostra indispensável entre os jovens adolescentes do Ensino Médio, pela atualidade com que a temática é abordada. A

recorrência com que muitos negros são discriminados ainda em nosso país coloca em xeque essa questão e aponta para a necessidade de se discutir e refletir sobre o preconceito racial nas famílias e nas escolas. Afinal, são poucos os negros que ocupam cargos políticos de destaque, assim como ainda constitui uma minoria os que chegam à universidade, enfim, socialmente os desrespeitos em relação ao negro ainda é bastante visível. Sendo assim, o debate precisa ser ampliado e o conto de Machado se apresenta como uma excelente oportunidade para que os professores discutam a temática no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. – 8ª.ed.- São Paulo: Ática, 2006.

BRAYNER, Sônia. **O conto de Machado de Assis**: antologia / organização e introdução. - 2ª ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
_____, Antonio. “Esquema de Machado de Assis”. In: **Vários escritos – edição revista e ampliada**. São Paulo: Duas Cidades, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. **A ironia do destino no conto machadiano**. In: **Teoria do Texto – prolegômenos e teoria da narrativa**. Volume 1. São Paulo: Ática, 1995.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. São Paulo: Cultura, 2004.

_____, Domício Proença. **Os melhores contos de Machado de Assis**. Ática, 2004.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Imagens do negro na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985.